

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas I - O cru e o cozido*, tr. Beatriz Perrone-Moisés, R.J.: Cosac e Naify, 2004, 446pp.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas II - Do mel às cinzas*, tr. Carlos Eugênio Marcondes de Moura, R.J.: Cosac e Naify, 2005, 504pp.

Oscar Calavia Sáez

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

Universidade Federal de Santa Catarina

“*Mitológicas* valeu a pena?” Meses atrás, ouvi essa pergunta de um antropólogo avesso às reverências. Não questionava o mérito, mas o (digamos) modo de uso de uma obra monumental. Demasiado longa para ser um manifesto teórico, demasiado ambígua para ilustrar um método. Voluntariamente digressiva, incessantemente levando de uma indagação a outra, e talvez nunca a respostas definitivas – ou, pelo menos, a respostas cujas perguntas alguém tivesse feito antes –, e contrariando todas as expectativas habituais sobre a análise de mitos. Escrita num estilo interpretativo que com frequência evoca a prestidigitação, em que a argumentação é constantemente dissolvida na narração, se não é que está aí somente para encadeá-la ou desencadeá-la, em que os momentos altos – aquilo que em outros clássicos seriam conclusões mais ou menos formulaicas – se resolvem num achado poético, ou em declarações que parecem beirar o niilismo ou a mística: os mitos conversam entre si, significam-se entre si; a análise dissolve-os e não os destila; a mitologia é música antes que texto. *Mitológicas*, ao que parece, não é para epistemólogos. Saltando do detalhe extremo para as comparações vertiginosas, tocando nas precisões filológicas sem que se submeta a elas – os mitos são, afinal, eminentemente traduzíveis, trans-idiomáticos –, passando às vezes por sínteses etnológicas regionais, mas sem que elas cheguem a se consolidar em centros da reflexão, é, também, uma obra demasiado alheia ao hábito localista dos etnólogos, os seus leitores mais prováveis (mas não tão frequentes). Quem lê *Mitológicas*? Quem as faz ler – incluindo-a, por exemplo, na bibliografia dos seus cursos? Quem cita *Mitológicas*, a não ser para falar de *Mitológicas*? O que fazer com *Mitológicas*? A monumentalidade da obra não faz senão realçar a dúvida. Con-

junto de quatro volumes, totalizando mais de duas mil páginas extraordinariamente densas – aproximadamente a extensão de *Em busca do tempo perdido* –, e entretecendo 813 mitos (sem contar variantes) de povos distribuídos entre o Alasca e a Terra do Fogo, *Mitológicas* exigiu do seu autor mais de um decênio de trabalho intenso entre 1964 e 1974, datas de aparição do primeiro e do quarto volumes, e continua a ser uma obra única e intratável. A provocação que abre este texto é, afinal, um bom pretexto para resenhar um trabalho aparecido há já quarenta anos, que recentemente, e muitos anos depois de ser traduzido, teve o seu segundo volume publicado em português pela primeira vez.

A resposta não é óbvia. *Mitológicas* pode ser, mais do que um clássico da antropologia, um elemento tardio dessa série que inclui as obras homéricas, as *Mil e uma noites* ou o *Mahabharata*: compilação e relato articulado de uma miríade de mitos que consegue sintetizar o legado de toda uma ampla parcela da humanidade. Essa classificação imprevista, sugerida por um pós-moderno como Clifford, já tinha sido renunciada pelo próprio autor, que em algum lugar do texto define a sua obra maior como um “mito de mitos”. Elogio ou definição que poderão parecer a muitos uma desqualificação, ou uma artimanha retórica: *Mitológicas* seria “apenas literatura”?

*Mitológicas* é também uma façanha heurística, que consegue transformar materiais extremamente dispersos em um conjunto significativo. Mas o que demonstraria com isso? A unidade das sociedades ameríndias, a do espírito humano? A empresa seria então talvez desnecessária – ou estéril. Pode se ampliar – como fez o próprio Lévi-Strauss em livros como *A via das máscaras*, *A oleira ciumenta* e *História de Lince*, trilogia às vezes chamada de *Pequenas Mitológicas* –, mas não está claro como pode ter conseqüências que a extrapolem. De fato, se atentarmos para bibliografia etnológica posterior a ela, onde são raras as obras dedicadas diretamente a esse assunto (pelo menos as obras que não ignorem esse marco ineludível, ou o tenham em conta de um modo muito defectivo), caberia se perguntar se *Mitológicas* abriu uma nova era dos estudos sobre o mito ou se simplesmente os cancelou, fazendo do mito um objeto ao mesmo tempo magnífico e inane. *Mitológicas* não apresenta um método propriamente dito, ou pelo menos esse tipo de protocolo de pesquisa ao que um cientista ordeiro espera se confiar – antes, minimiza as propostas de método presentes em ensaios

anteriores de Lévi-Strauss, que podiam estar muito mais próximas de um protocolo. A famosa “fórmula canônica do mito”, proposta no primeiro volume e condizente com essa imagem de um Lévi-Strauss inclinado à matemática ou à lingüística, é ressignificada depois como uma simples ilustração e desaparece enfim, junto com os gráficos que abundam nos primeiros volumes, mas rareiam à medida em que a obra avança. Assim o reconhece o próprio autor, que em escritos dos anos 50 especulava entusiasticamente sobre as possibilidades de uma análise computacional da mitologia, e muitos anos depois comentava, numa entrevista à tradutora dos volumes resenhados, que os resultados desse alarde tendem a ser pífios, e dificilmente preferíveis ao que pode se conseguir por meios “artesanais”.

*Mitológicas* também não se ocupa com a definição do mito, embora – ou talvez por isso mesmo – tenha contribuído em muito à sua re-invenção. A partir delas, os mitos orais, ou mais exatamente os mitos “populares”, não elaborados por especialistas ou por literatos, passam a ser os mitos por excelência, e a pluralidade das versões passa a ser o eixo crítico da pesquisa sobre mitos, substituindo a procura anterior pela versão mais antiga, mais autêntica ou mais autorizada.

Enfim: o autor desta resenha já cumpriu sofrivelmente a sua tarefa de levantar ressalvas a uma obra que na sua opinião valeu a pena, definitivamente. Críticas de detalhe ou de concepção da obra têm sido publicadas em profusão desde 1964 – na sua maior parte, sem alcançar a escala da obra criticada. Poder-se-ia dizer que, em geral, *Mitológicas* tem provocado uma certa perplexidade, por ser obra de um autor cujos trabalhos anteriores se mostravam obcecados pela ideia de que a antropologia alcançasse os padrões epistemológicos próprios das ciências exatas, e apenas reservados, dentro das ciências humanas, à lingüística; a sua obra maior o mostra, pelo contrário, a uma luz bem pouco positivista.

Mas *Mitológicas* vale a pena, sim, e não a despeito de tudo o que já antes disse, mas precisamente por isso ou através disso. Tentarei dar aqui algumas razões.

A leitura de *Mitológicas* é, em primeiro lugar, uma *experiência*, comparável a esse trabalho de campo que o consenso teórico em vigor tende a contar ainda mais como uma transformação do pesquisador do que como uma colheita de informações. Talvez não haja – embora quem cunhou a noção dificilmente terá pensado nele

– melhor exemplo do chamado *library fieldwork* [pesquisa de campo de biblioteca] do que uma leitura atenta de *Mitológicas*. Como um bom trabalho de campo no campo – e tão demorada como ele –, essa experiência vale ainda mais pelo seu percurso do que pelos resultados aos quais chega. O conteúdo de *Mitológicas* não pode ser resumido. A força do seu argumento depende do efeito acumulado da leitura articulada de centenas de mitos, da percepção de correspondências entre eles cuja descrição em termos de inversão ou transformação pode parecer pobre e arbitrária, mas que se impõem a quem assiste a elas. Descobrimo por si mesmo – antes de que o autor as assinale – as feições de um relato que se insinuam em outro, talvez com outra ordem e outros motivos mas apesar de tudo reconhecíveis, o leitor consegue visualizar essas proposições estruturalistas que, formuladas em abstrato, desafiam o bom senso e o respeito ao concreto: as relações são prévias aos elementos, as culturas são conjuntos de transformações ou permutações. Se a proposição que diz que “os mitos dialogam entre si” pode parecer, a princípio, apenas uma brincadeira, basta assistir ao que o autor está assim descrevendo para saber que dificilmente haverá melhor modo de exprimi-lo. Às vezes também a realidade brinca. O leitor que percorra *Mitológicas* levará consigo um acervo mais ou menos ordenado de informações, e idéias estimulantes sobre uma multidão de temas; mas, sobretudo, será capaz de *ver* de outro modo.

*Mitológicas* é, também, um dos poucos exemplos em que o pensamento nativo é convocado para algo que não seja a sua explicação ou uma homenagem inócua. Como se pode ler no parágrafo inicial do seu primeiro volume, a tetralogia vem para exemplificar uma tese já apresentada dois anos antes, em *O pensamento selvagem*, a saber, que “categorias empíricas... podem servir como ferramentas conceituais para isolar noções abstratas e encadeá-las em proposições”. Trata-se da famosa “lógica do sensível”, que permite organizar um argumento em torno de termos que os mitos destacam e cuja relevância é à primeira vista duvidosa: o que dizer, por exemplo, sobre o contraste entre uma esposa que sabe mastigar ruidosamente e outra que, sem bons dentes, só lambe e baba? Ou do aspecto pulverizado da Via Láctea? Que filosofia tirar disso tudo? Mas pensar com os nativos não pode resumir-se a pensar com conceitos nativos – quem sabe, *falsos amigos* –, cujo valor se ofereça à primeira vista: em algum momento é preciso aventurar-se em conceitos “sem sentido” para acabar dando conta de um outro pensa-

mento que seja efetivamente outro. Não era a primeira vez que se fazia uma proposta desse tipo, mas via de regra as tentativas se saldavam com uma peça de filosofia modesta enfeitada com metáforas exóticas. Mesmo quem entenda que Lévi-Strauss tomou a mitologia ameríndia como pretexto para escrever a sua própria cosmologia – essa epopéia da luta do discreto contra o serial, por exemplo – deve reconhecer que ao menos ele o fez de um modo mais radical. O resultado não se parece com nada que se possa encontrar na tradição européia. Depois de *Mitológicas*, a mitologia ameríndia não ficou mais parecida à mitologia grega ou às lendas do ciclo arturiano. É possível, ao contrário, que uma e outras tenham ficado muito mais parecidas com a mitologia ameríndia, nas análises renovadoras de historiadores como Vernant ou Le Goff, claramente influenciados pelo estruturalismo. A relativa fragmentariedade do discurso teórico em *Mitológicas* exhibe a dimensão dessa aposta, a prova de que o discurso movido a categorias “do concreto” é capaz de sustentar arquiteturas textuais complexas, e enfim a causa de que o resultado final seja tão dificilmente assimilável pelo mundo acadêmico. Cru e cozido, os termos axiais do primeiro volume, são cru e cozido, termos carregados de aderências concretas, e não um simples *ersatz* das categorias abstratas de natureza e cultura – embora essa dicotomia seja aduzida em algum momento como tradução provisória. Não conduzem à costumeira discussão sobre o inato e o adquirido, sobre o dado e o construído, mas à carne de caça, ao arco íris, às preguiças, ao mel e ao tabaco, sem que as traduções provisórias tomem conta da narração. Discordo em parte da preocupação da tradutora, Beatriz Perrone-Moisés, que na sua nota preliminar ao primeiro volume realça a autoria de Lévi-Strauss, ou mais exatamente a sua autoria em francês, aventando que o tecido literário da obra constitui uma parte essencial do seu conteúdo, sempre ameaçado pelo traslado a outra língua. Sem dúvida, essa substância literária é considerável – como o risco citado, de resto muito bem domesticado pela tradutora –, mas na minha opinião ela é secundária em comparação com uma outra dimensão da obra, quiçá a preferida pelo seu autor: a de organizador de um longo e complexo relato cujos meandros são, no essencial, independentes de qualquer expressão lingüística particular.

Pode-se dizer, também, que *Mitológicas*, beneficiando-se de uma difusão capilar – isso compensa a suspeita de que a tetralogia em si tenha

sido pouco e mal lida –, está na base de quase toda a etnologia das Terras Baixas produzida desde a sua publicação. Esse resultado tem muito a ver com os dois argumentos antes expostos. A etnologia anterior, mesmo nas suas melhores expressões, nunca conseguiu tirar as sociedades indígenas da precariedade. Algo faltava sempre, algo tinha se perdido, ou nunca tinha chegado a ser nesse mundo para sempre imaturo. As instituições apresentavam formas frouxas, frias, fluidas, feias. As sociedades ameríndias, em poucas palavras, eram péssimos espécimes de sociedades africanas ou européias; como estas seriam péssimos de sociedades ameríndias se tentássemos descrevê-las a partir da sua bruxaria ou das suas técnicas de caça. *Mitológicas* expôs os etnólogos a uma dose maciça de narrativa indígena, que, redundando em pontos imprevistos, acabava por tornar visíveis nós de sentido capazes de originar novas descrições – como é o caso da corporalidade. Mais ainda, permitiu apreciar em todo o seu potencial mundos que poderiam de outro modo parecer irremediavelmente idealistas, mantendo sociologias ou cosmologias desmesuradas em proporção à sua infra-estrutura econômica, ou simplesmente demográfica – quando, como efeito de uma história mais ou menos imposta, os seus membros imaginários eram mais que os de carne e osso. *Mitológicas* fez isso porque, pondo em evidência infinitas variantes de elementos comuns a sociedades muito diversas, permitiu perceber que uma realidade se revela sobretudo em contraste com as suas virtualidades. A riqueza com que se apresenta aos nossos olhos a tradição ocidental deriva precisamente dessa transparência que permite ver algo de Platão, de milenarismo medieval ou de iconologia barroca nos temas da hora, enquanto as sociedades ameríndias nos parecem planas, ou a rigor achata-das contra o tempo primordial em que se supõem estacadas. *Mitológicas* foi capaz de recolher, na extensão americana, um volume de diversidade que outros setores da humanidade mantinham organizado na duração histórica. Nesse sentido, poderíamos elucidar também, se esta resenha não fosse já longa demais, a maneira como *Mitológicas* pode ser o exemplo de um outro conceito de história, em que a convivência de virtualidades é mais reveladora do que a ordenação linear e causal de fatos históricos, essa espécie de Macbeths da praxe que, impensáveis um dia antes da usurpação, se apresentam como inevitáveis um dia depois.

Caberia pensar se *Mitológicas*, afinal, não é mesmo uma resposta às preocupações epistemológicas enunciadas pela obra inicial de Lévi-Strauss, e se essa teoria que não parece teoria e esse método que não parece método não são os verdadeiros caminhos de uma ciência humana dotada de um rigor específico; se esses requi-

sitos da ciência que faltam em *Mitológicas* não são, antes, os falsos atalhos que sobram em muitas outras obras.

*Mitológicas*, em suma, vale a pena. Ou valeria a pena se a sua leitura fosse penosa, o que não é o caso dessas páginas complexas mas transparentes, e vivificadas por uma imaginação poderosa. Depois de muitos anos de espera, a tetralogia se aproxima enfim do público brasileiro graças a uma editora de livros de arte, que por algum estranho milagre se dedica também à antropologia – uma excelente homenagem, que ao menos a obra resenhada merece, a uma ciência de identidade confusa. É uma bela edição, dotada de todos os complementos originais e mais alguns (como uma breve mas útil bibliografia do autor e sobre o autor), e coordenada por uma tradutora que já se ocupou de praticamente toda a obra mitológica de Lévi-Strauss, e que numa introdução já antes citada reflete sobre a tradução como dever central da antropologia, e adverte sobre algumas interessantes alterações da norma lexical portuguesa – a onça e a anta, por exemplo, voltam a ser jaguar e tapir, mais em harmonia com as qualidades que os mitos lhes atribuem –, mostrando que uma boa tradução não o seria se deixasse a sua língua do mesmo jeito que a encontrou. Há, nessa publicação, por tanto tempo adiada, um certo ar de repatriação, já que o impulso inicial de *Mitológicas* parte de um conjunto de mitos do Brasil Central: é nela, a rigor, que o Brasil – o Brasil dos índios, das selvas e das queixadas, mas talvez também o Brasil de algumas experiências modernistas – dá seus frutos na obra de um autor que, como é sabido, viveu neste país um momento decisivo de sua carreira.